

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XXVIII

(Continuação.)

Desde a vespere, Sacco-de-Gêssso só de uma cousa cuidava: do enterro de sua mãe.

Queria prodigalizar-lhe depois de morta as atenções filiaes que lamentava agora não lhe haver prodigalizado durante a vida... Parecia-lhe que ella lhe agradeceria esse amor, embora fosse tardio.

Foi por cerca do meio-dia que o padre veiu buscar o corpo; puzeram-se logo a caminho.

Havia pouca gente.

Quando chegaram ao cemiterio, só restavam tres pessoas acompanhando o feretrio.

Francina chorava; Gontran estava dolorosamente impressionado.

Sacco-de-Gêssso devorava as suas lagrimas em silencio.

Não tinha elle pronunciado uma palavra.

Francina respeitava-lhe a dôr, e caminhava ao lado delle, apoiada ao braço de Gontran.

Ao voltarem, tomando pelos boulevards exteriores, passavam em frente ao estabelecimento de um negociante de vinhos, cuja taboleta continha, em grandes letras, o nome de *Gaudin*, quando Francina parou.

— Não é aqui que lhe foi marcado o encontro? disse ella voltando-se para Sacco-de-Gêssso.

— Gaudin!... Ah! sim! respondeu o rapaz; ia-me esquecendo.

— Então, vamos separar-nos.

— Oh! a demora é pequena!

— E' que eu tinha que lhe pedir um outro favor...

— Diga, Francina. Que deseja? de que se trata?

Francina tirou do bolso um masso lacrado e apresentou-o ao rapaz.

— Trata-se do seguinte, disse ella: a Sra. Julieta d'Orvado tinha-me confiado umas cartas, que metor-

nou a pedir, e desejo restituir-lh'as quanto antes... Se o meu amigo quizesse poupar-me a caminhada...

— Umas cartas para a Sra. Julieta d'Orvado? repetiu Sacco-de-Gêssso surpreendido; e é a mim...?

— Posso confiar em você?

— Oh! como eu confio na senhora!

— Bem! Mas estas cartas são importantes. A Sra. Julieta liga-lhes grande valor... e é necessário que eu deposite muita confiança em você para lh'as entregar.

Sacco-de-Gêssso tomou as cartas com uma especie de febril solicitude.

— E tem razão, Francina! disse com ardor; hontem, talvez houvesse perigo em incumbir-me de semelhante missão; hoje, porém... pertenço-lhe em corpo e alma!

Francina e Grontran apertaram-lhe a mão, e se encaminharam para a rua de la Harpe.

Sacco-de-Gêssso, perdendo-os de vista, sacudiu a cabeça, olhou para o masso de cartas que conservava na mão, e dispunha-se a entrar no estabelecimento do Sr. Gaudin, quando uma voz pronunciou-lhe de repente o nome ao ouvido.

O rapaz voltou-se bruscamente, e deparou com Polichinello.

Polichinello tinha visto tudo. Desde a rua de la Harpe que elle seguia em distancia o rapaz, e só aguardava um ensejo favorável para aproximar-se delle.

— Com que então, disse em tom consternado, a pobre Sra. Dumont... foi-se!... Coitada! ella não me estimava; mas, devo ser justo, era a nata das mulheres!...

— E das mães! acrescentou Sacco-de-Gêssso em voz dolorida.

— E das mães, sim! apoiou Polichinello esfregando os olhos.

E foi levando mansamente o seu interlocutor para o estabelecimento de vinhos.

Sacco-de-Gêssso deixava-se levar machinalmente, sem consciencia do que fazia.

Entraram.

Havia no estabelecimento duas salas separadas.

Uma, á direita, ruidosa, enfumaçada, cheia de freguezes.

A outra, á esquerda, menor, e que nunca se enchia senão com as sobras da outra.

Foi nessa segunda sala que elles se sentaram. Estava ella quasi vazia; apenas um individuo,

meio ebrio, estava sentado a uma mesa collocada ao fundo, na sombra.

Nem Sacco-de-Gêssso, nem Polichinello prestaram attenção a esse homem, que trajava uma roupa sordida e quasi nenhum interesse lhes despertava.

— Acabas de passar uma noite de emoções, disse Polichinello logo que lhe serviram o que elle havia pedido; deves ter necessidade de reparar as tuas forças... engole-me isto, e conversemos...

— A que respeito? disse o rapaz, que a pouco e pouco ia recuperando a calma.

Polichinello piscou o olho.

— A respeito das cartas!... respondeu elle. Já esqueceste que o conde te prometteu uma riqueza?... Olha que, quando o conde diz uma cousa... é como se fosse uma escriptura passada no tabellião...

— Oh! conheço perfeitamente o conde!... disse Sacco-de-Gêssso.

— Então, falla! Achaste-as?

— Que duvida!

— E estão ahi contigo?

— Ei!-as.

E Sacco-de-Gêssso mostrou a Polichinello o masso de cartas que Francina acabava de confiar-lhe.

Polichinello estendeu promptamente a mão para apoderar-se delas; mas o rapaz tornou a guardal-as na algibeira.

— Não tens confiança? disse Polichinello em tom de recriminação.

— A confiança é uma cousa que não se impõe! replicou Sacco-de-Gêssso.

— Entretanto, nenhuma ceremonia fizeste para entrarmos aqui...

— E' que aqui mesmo devo encontrar-me com alguem.

— Quem é?

— Isso agora é segredo meu.

Polichinello não respondeu logo.

O seu silencio, porém, não durou muito; um sorriso expansivo assomou-lhe aos labios quasi imediatamente.

— Oh! disse elle; no fim de contas, cada um tem lá as suas idéas, e as tuas não são da minha conta...

— E' a minha opinião.

— Bebamos mais uma vez ao nosso encontro. Depois, deixar-te-hei livre para receberes a tua visita, e irei tratar dos meus negocios.

Sacco-de-Gêssso tocou com o seu copo no de Polichinello, e de um trago esvaziou-lhe o conteudo.

Polichinello não deixara um só momento de olhar para elle.

Apenas o viu depôr o copo em cima da mesa, fingiu que se levantava para ganhar a porta; mas singular perturbação já se manifestava no semblante do rapaz.

As palpebras pesadas se lhe fechavam, máo grado seu; os braços, que elle tentava mover, tornavam a cahir inertes e sem força ao longo do corpo, e as suas pernas pareciam atacadas de convulsivo tremor.

Afinal, o rapaz derreou-se como vencido pelo sonno, e da cadeira rolou no chão.

Polichinello soltou uma alegre risada.

O poderoso narcotico que elle acabava de administrar ao rapaz tinha produzido effeito instantaneo.

— Agora, disse o miseravel com sarcasmo, de bom grado ou de máo grado, as cartinhas vão passar da tua para a minha algibeira.

E a sua mão, habilissima em tales exercícios, se pôz immediatamente em obra.

XXIX

Polichinello tinha uma idéa, procedendo como procedêra.

Não ignorava a importancia do deposito que Julieta confiara a Francina, e, embora não comprehendesse o secreto interesse que Julieta pudesse ter na posse daquelle deposito, sabia, ao menos, que a vida do conde des Aiglades e a honra de Clotilde achavam-se estreitamente ligadas a elle.

Ora, uma vez em seu poder aquellas cartas, tomava elle o lugar de Sacco-de-Gêssso, e podia sem escrupulo impôr condições ao seu nobre amigo.

O conde tinha promettido dez mil francos a Sacco-de-Gêssso; nenhum obstaculo havia a que elle elevasse as suas pretenções ao dobro daquelle somma. Vinte mil francos!

Com semelhante quantia, Polichinello poderia retirar-se dos negocios e ir viver de seus rendimentos, longe do ruido e da corrupção das cidades.

Sacco-de-Gêssso não se movera.

Estendido no assoalho qual massa inerte, tel-o-hiam tomado por um defunto.

De vez em quando unicamente uma contracção nervosa ou um suspiro mal abafado anunciava que elle estava ainda vivo.

Em um abrir e fechar de olhos, Polichinello revistou-lhe as algibeiras e descobriu o precioso masso de cartas.

Para mais segurança, rompeu o envolucro e examinou o conteudo.

As cartas alli estavam... cartas dirigidas pelo conde des Aiglades á Sra. Didier.

Ao vê-las, um relâmpago illuminou o semblante de Polichinello; com mão tremula, tornou a embrulhar rapidamente as cartas, e, mal disfarçando a immensa satisfação que sentia, de um salto só alcançou a porta.

Tinha pressa de pôr o seu deposito em logar seguro.

Quando, porém, punha a mão no botão da fechadura, uma paulada, descarregada com todo o vigor no crâneo, atirou-o quasi sem sentidos a alguns passos de distância.

— Didier! balbuciou Polichinello, limpando o sangue que o cegava.

— Tinhast-te esquecido de mim, miseravel! respondeu Didier arrancando-lhe as cartas que elle em vão procurava reter com os dedos crispados.

— Acudam-me! Acudam-me!... quiz gritar o desgraçado.

Com mão de ferro Didier tapou-lhe a boca.

— Se proferes um grito, mato-te como se mata a um cão! disse elle com voz energica. Sabes o que contêm estas cartas, não é verdade? Contêm a minha honra, a minha rehabilitação, a minha vingança também!...

— Com mil demonios!... praguejou Polichinello tentando erguer-se.

Didier agarrou-o pela gravata e pregou-o ao assoalho.

— Basta! accrescentou. Estas cartas me pertencem, e eu guardo-as. Tinham sido confiadas a Francina, e dirás á Sra. Julieta d'Orvado que serei eu que um dia lh'as entregarei. E d'ora em diante toma cuidado! Dize ao conde que não commetta imprudencias, pois que a sua vida está nas minhas mãos, e dentro de pouco tempo elle saberá o que pretendo fazer.

Ditas estas palavras, Didier ganhou a sala de entrada e desappareceu.

Tinha elle sahido apenas, quando, fazendo sobrehumano esforço, Polichinello conseguiu sentar-se e estancar o sangue que lhe corria do ferimento.

Cega colera lhe bramia no peito; furioso, cerrava elle os punhos e parecia ameaçar, no vacuo, um ente invisivel.

— Onde está elle?.. Hei de matal-o!... Cumpre que o matem! rugiu.

Nesse momento a porta se entreabriu, e um homem appareceu á entrada.

Era o conde des Aiglades.

Polichinello ficára de encontrar-se com elle depois do enterro.

— Está feita a cousa? perguntou o conde.

Uma praga energica foi a unica resposta de Polichinello.

— Ah! é o senhor!.. continuou o miseravel. Fizemo-l'a aceiada, creia! E sabe em que mãos cahiu agora o deposito que buscavamos? Foi Didier quem o levou.

— Tu te deixaste surprender.

— Desejava vel-o em meu logar! respondeu Polichinello; o senhor é mestre de obra feita... joga sempre por fóra. Desta vez, porém, ha de tomar parte na cousa!

— Que tencionas fazer?

— Eu sei cá?.. Estou ainda atordoado... a pancada foi solida, e vi estrellas... Ah! se elle me cahe nas unhas!

Assim fallando, Polichinello acabava de olhar para Sacco-de-Gesso, que fizera um movimento.

— Sim! continuou como se estivesse fallando consigo mesmo; aquelle pôde ainda ser-nos til. E não se deve desprezar cousa alguma...

Arrastou-se então até á mesa, tomou uma garrafa de agua e derramou o conteudo no rosto de Sacco-de-Gesso.

O rapaz teve um sobresalto, deixou escapar um grito e arregalou os olhos assustado.

— O que é? onde estou eu? disse, olhando, mas sem enxergar, para o conde e para Polichinello.

Depois, subitamente, recuperou o sentimento da

realidade, e a sua mão buscou o masso de cartas que lhe haviam tirado da algibeira.

— Ah! vais restituir-me o que me roubaste! exclamou agarrando-se á roupa de Polichinello.

Este desprendeu-se rapidamente.

— Abaixo as patas!... disse em tom jovial; não fui eu que tirei...

— Então, foi o conde...

— Tambem não foi elle.

— Quem foi então?

— Ora, quem foi!... o barão!...

— Elle veiu?

— Era talvez com elle que devias encontrar-te...

Sacco-de-Gesso recuperára inteiramente a calma.

Olhou com attenção para o conde e para Polichinello, afim de certificar-se de que não o illudiam, e adquiriu logo a certeza de que as respostas de Polichinello eram sinceras.

Desde então, cessou a sua inquietação, e a sua phisionomia tomou o aspecto ordinario.

Polichinello reparou nessa mudança, e quiz coñecer-lhe a causa.

— Se desejas rehaver as tuas cartas, disse elle, é ao barão que deves dirigir-te...

— Oh! isso não me incomoda presentemente... respondeu o rapaz.

— Mas Francina tinha-te incumbido...

— Pois sim! fosse Francina ou fosse o barão, não importa, desde que tudo fica na familia.

— Que historia é essa que estás ahi a contar? Francina e o barão?

— O pai e a filha... Ah! não sabiam?

Polichinello e o conde trocaram um olhar, e o primeiro pôz-se a cruzar a sala de um para outro lado, emquanto o rapaz reparava o desarranjo da sua roupa.

— Retiras-te? perguntou Polichinello, vendo-o encaminhar-se para a porta.

— Retiro-me! respondeu Sacco-de-Gesso.

— Vais zangado comigo?

— Eu!

— Então, até breve, não é assim?

— Talvez... E adeusinho!...

Apenas elle sahui, Polichinello approximou-se do conde.

— Pai!... Francina é filha de Didier! exclamou; nada, portanto, está perdido!

— Que tencionas tu fazer? perguntou o conde.

Polichinello foi prover-se de papel, penna, e tinta, e voltou a sentar-se á mesa.

— Não percamos tempo! disse; é preciso pôr mãos á obra!.. Escreve, e depois comprehenderás!

E o conde, machinalmente, escreveu o que Polichinello lhe dictou:

“Querida filha,

« Necessito fallar-te, e não posso ir á rua de la Harpe; sou vigiado, e, se me apanham, estou perdido. Estou de posse das cartas que havias confiado a Sacco-de-Gesso. Antes, porém, de fazer uso dellas, é indispensavel que conversemos.

« O portador desta carta é pessoa segura.

« Acompanha-a, e ella te conduzirá á agua-furtada onde estou á tua espera.

« Teu pai que te envia todo o amor de seu coração

« DIDIER »

— Comprehendes agora? disse Polichinello logo que o conde acabou de escrever.

— Perfeitamente! respondeu este ultimo.

— Pois bem! fecha a carta e sobrescripta-a com direção a Francina. Serei eu mesmo que a irei levar esta noite. No entanto, tu irás ao meu aposento da rua do Petit-Carreau, e prepararás tudo para receber e deter a rapariga.

E Polichinello acrescentou em tom ceremonioso:

— Sr. conde, é á sua honra e á sua lealdade que confiamos essa menina!

XXX

Sahindo do estabelecimento de Gaudin, Didier recolhera-se á casa, correndo.

Havia douz dias, tinha elle alugado na rua de Santo André das Artes uma agua-furtada. Foi refugiar-se alli, levando consigo o thesouro que acabava de arrancar do poder de Polichinello.

Logo que chegou á sua trapeira, trancou a porta e sentou-se junto de uma mesa desconjuntada, em cima da qual pozi as cartas.

Eram estas em numero de dez, umas laconicas, mas expressivas, outras longas, prolixas, misturando o amor ao crime, narrando todas as particularidades da machinação sob a qual o desventurado Didier sucumbira.

Tornava elle a encontrar nessas cartas o ardente vestigio de suas primeiras desillusões e de seus mais cruéis pezares.

Jurando-lhe ainda amor eterno... já Clotilde o havia trahido! ...

Sabia-o elle havia muito tempo; mas presentemente tinha as provas na sua mão.

As confissões surgiam a propósito de tudo.

Cada palavra de amor era sublinhada por uma esperança criminosa.

A mão que escrevera aquellas linhas não tivera hesitações. O espirito que a tinha guiado estava resoluto e firme, e, na vespera do dia fatal, não guardará a menor reserva.

Didier passou uma parte da noite entregue áquella leitura febril... O coração trasvasava-lhe... elle estava satisfeito. De então em diante a sua vingança não lhe podia escapar.

Por cerca da meia-noite, sentiu as palpebras pesadas; mas dormiu poucas horas.

Ao amanhecer do dia estava de pé.

Ancioso para se pôr em ação, sahiu.

Levava as cartas consigo.

A propria idéa de depol-as nas mãos da justiça inspirava-lhe a maior desconfiança.

Se as desencaminhassem! ...

Antes de tomar uma decisão ou de firmar-se em uma resolução definitiva, dirigi-se para a rua de la Harpe.

Queria tornar a ver Francina, dar-lhe a boa noticia, fazer com que ella tomasse parte em seu contentamento.

Subiu os cinco andares e bateu.

Ninguem respondeu.

O mais profundo silencio reinava no interior.

Tornou a descer, inquieto, os cinco andares, e entrou no cubiculo da porteira.

— A Sra. Francina? perguntou.

— Não se recolheu, respondeu a mulher.

Didier fez um movimento.

— Como!... não se recolheu! repetiu; mas isso não é possivel!

— E' tão possivel que é como lhe estou dizendo, replicou a porteira. Hontem á noite, veio aqui um commissionario perguntar por ella. Em vista da resposta que lhe dei, elle subiu, e dez minutos depois vi-os descer ambos.

— E ella não lhe disse nada?

— Disse-me que sahia, e até deixou um bilhete para o Sr. Gontran, que lhe entregarei se elle cá vier antes de ella ter voltado.

— Tem esse bilhete ahi?

— Aqui está.

O bilhete em que a porteira fallava tinha sido escrito ás pressas; continha apenas algumas linhas, e nem se quer estava fechado.

Didier leu-o rapidamente.

« Meu pai mandou-me chamar, dizia o bilhete; não sei a que horas o deixarei, mas terci muito que lhe dizer quando voltar.»

Um calafrio abalou o corpo de Didier; o golpe era terrivel! Adivinhou imediatamente donde elle partia.

Francina tinha sido attrahida a uma cilada; aquella hora, e desde a vespera, achava-se ella em poder de Polichinello!

Não havia um momento a perder.

De um salto correu elle á casa de Gontran, a quem encontrou prompto para sahir.

O moço ficou impressionado ao vêr o aspecto de Didier.

— Que aconteceu? perguntou elle assustado.

— Aconteceu, respondeu Didier: uma desgraça horrivel!

— O que foi? explique-se...

— O senhor ama a Francina, não é verdade? e ella o ama tambem ..

— Sem duvida.

— Pois bem! Francina desapareceu!

— Quando?

— Hontem á noite.

— E para onde foi?

Didier fechou os punhos com raiva.

— Hontem á noite, proseguiu elle, foi um homem procural-a em meu nome... disse-lhe que eu a mandava chamar... deu-lhe a entender, sem duvida, que eu não podia ir ter com ella sem perigo... a pobre criança acompanhou esse homem.

(Continua no proximo numero.)